

FHC - Viagem

Timor contra-ataca

■ Líder critica Brasil por não apoiar sua luta

NORMA COURI

LISBOA — O “apoio a autodeterminação ao povo de Timor Leste”, que Fernando Henrique incluiu no discurso à última hora, não convenceu o líder da resistência timorense, Ramos Horta. “Um país como o Brasil, que viveu a ditadura e a tortura, deveria ter uma parceria ativa na luta de Timor”, reclamou. “Não sei o que o Brasil teme”.

Apesar da afirmação, Ramos Horta avaliou que o Brasil receia afetar as relações comerciais com o país que invadiu o Timor, a Indonésia. “Mas não deveria ter uma diplomacia tão tímida, pois a Indonésia não tem o poder dos Estados Unidos para cortar relações ou fazer retaliações”.

O líder da resistência disse que a luta dos timorenses vem sendo sustentada pela Igreja Católica e apoiada pela Teologia da Libertação, por Dom Helder Câmara e o Cardeal Arnt. “Na política, os paladinos da nossa causa são Itamar Franco, José Aparecido de Oliveira e José Sarney.”

Sem liberdade — Timor foi colônia portuguesa descoberta na mesma época que o Brasil, mas só registra uma semana de liberdade em toda sua história: saíram os portugueses e entraram os indonesios, de

olho na riquíssima margem de petróleo do mar que banha o lado leste da ilha do arquipélago de Java.

Ontem fez 20 anos que a Indonésia anexou Timor, eliminando um terço da população, que era de 650 mil e proibindo a entrada de jornalistas na área. Ontem os timorenses avisaram em Lisboa que se encontrarem o carro indonésio batizado “Timor” em qualquer rua de qualquer país do mundo furam os pneus, adicionam sal na gasolina e quebram os seus vidros. Excluídos da CPLP “por ainda não constituírem um país independente”, os timorenses culpam as relações comerciais do Brasil com a Indonésia, em torno da venda de armas. E acusam o chanceler Luis Felipe Lampréia. “Timor é a pedra no sapato”, publicou ontem o *Diário de Notícias*, com foto do chanceler.

Visita — Fernando Henrique Cardoso marcou visita oficial a Angola para janeiro, durante encontro, ontem, com José Eduardo dos Santos. Antes, o presidente angolano rebateu no discurso que antecipou a criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa a ameaça do chanceler Lampréia de retirar as tropas brasileiras de Angola. Ele agradeceu “a solidariedade de todos os países integrantes da CPLP e a participação do Brasil e de outros países irmãos no quadro da UNA-VEM-III”.